

1.18 • Conjuntura Internacional

CORRIDA AOS ARMAMENTOS, DE NOVO

Luís Tomé

Texto entregue em Novembro de 2020

UMA DAS TENDÊNCIAS MAIS PREOCUPANTES dos últimos anos, e que parece consolidar-se, é o regresso a uma verdadeira corrida aos armamentos. Sintoma disso são os aumentos dos orçamentos militares e do volume das importações de sistemas de armas, ao mesmo tempo que se assiste ao desmantelamento dos regimes de controlo de armamentos e ao aumento dos arsenais nucleares de várias potências.

O Mundo gasta mais em armamento do que no período de Guerra Fria – e África, Médio Oriente e Ásia-Pacífico gastam muito mais

Conforme revelam os cálculos do *Stockholm International Peace Research Institute* (SIPRI), o mundo gasta mais em armamento atualmente do que em contexto de Guerra Fria: a preços constantes, as despesas militares globais subiram de 1 bilião e 537 mil milhões USD, em 1988, para 1 bilião e 922 mil milhões de USD, em 2019, apesar da descida nos anos 1990. E como também mostra o Quadro 1, com exceção da Europa, todas as regiões do mundo registam aumentos das despesas militares no comparativo deste lato período de tempo, algumas exponencialmente como África, Médio Oriente e Ásia-Pacífico.

Em África, entre 1988 e 2019, a preços constantes, as despesas militares cresceram de 16,3 para 41,6 mil milhões de USD (sublinhando-se o aumento de 17% só na década 2010-2019), representando a sub-região do Norte de África, em 2019 (com um montante 67% mais elevado do que em 2010), uma parcela de 57% no total do Continente Africano – muito devido às persistentes tensões entre a Argélia e Marrocos, às insurgências no seio de vários países e à guerra civil na Líbia. A Argélia destaca-se, representando 44% do total das despesas do Norte de África e sendo o único País africano a integrar o Top 40 mundial, na 23ª posição. Paralelamente, o Norte de África representa também um share de 74% no total das importações de armas do Continente Africano no período 2015-2019, de novo destacando-se a Argélia, o 6º maior importador mundial nos anos 2015-2019 e cujas importações de armamento subiram 71% face ao período 2010-2014 (Quadro 3).

No Médio Oriente, igualmente entre 1988 e 2019, as despesas militares saltaram de 80,5 para 225 mil milhões de USD a preços constantes (Quadro 1), em resultado das ambições e rivalidades envolvendo a Arábia Saudita, o Irão, Israel e a Turquia, bem como, entretanto, a guerra contra o Daesh, os conflitos na Síria, no Iraque e no Iémen ou ainda as pressões sobre o Qatar e o Líbano. A Arábia Saudita destaca-se, com um incremento de 14% na década 2010-2019 e consolidando-se no Top 5 do ranking mundial, com despesas militares de 62 mil milhões de USD, em 2019 (Quadro 2). Israel, com uma su-

bida de 30% entre 2010 e 2019 e um orçamento de 20,5 mil milhões de USD no último ano, ocupa a 15ª posição do ranking, seguido pela Turquia com 20,4 mil milhões de USD e que regista o considerável aumento de 86% entre 2010 e 2019. Das potências regionais, o Irão parece ser a exceção, em virtude das dificuldades económicas: apesar de subir de 20º para 18º no ranking mundial entre 2018 e 2019, regista uma queda significativa de 36% nas despesas militares na década 2010-2019.

Por outro lado, sublinha-se a subida do share do Médio Oriente nas importações globais de armas, e que passou de 23% no período 2010-2014 para 35% nos anos 2015-2019. Também a este respeito se destaca a Arábia Saudita, cujas importações de armamento aumentaram 130% de 2010-14 para 2015-19, tornando-se no maior importador do mundo, num ranking mundial cujo Top 10) inclui igualmente o Egipto, os Emiratos Árabes Unidos, o Iraque e ainda o Qatar (este na 10ª posição e com um aumento impressionante de 631% de 2010-14 para 2015-19) (Quadro 3). Israel (14º), Turquia (15º) e Omã (23º) são outros países da região que encontramos no top 25 dos maiores importadores de armamento.

Mais paradigmático ainda é o caso da Ásia-Pacífico, onde as despesas militares dispararam de 136 para 531 mil milhões de USD, a preços constantes, entre 1988 e 2019 (Quadro 1). Esta macro-região é, aliás, a única do mundo com aumentos contínuos desde 1988, e cujo incremento de 51% na década 2010-2019 é muito superior ao de qualquer outra região do globo, representando, actualmente, cerca de 30% das despesas militares mundiais. A principal responsável por este aumento é a China que, sozinha, representa agora 50% do total das despe-

sas militares da Ásia-Pacífico (subindo de uma parcela de 36%, em 2010). Paralelamente, registam-se aumentos significativos em todas as sub-regiões da Ásia-Pacífico (Quadro 1).

O “factor China” é, na realidade, o principal instigador da corrida aos armamentos na Ásia-Pacífico, com várias outras potências da região a aumentarem os seus orçamentos de defesa para, de alguma forma, balancearem o poderio estratégico chinês, com destaque para a Índia (com um aumento de 37% na década 2010-19 e que ascendeu ao 3º lugar do ranking, com 71,1 mil milhões de USD), o Japão e a Coreia do Sul (Quadro 2). Já em 2020, em resposta a uma maior assertividade da China, a Austrália anunciou um aumento de 40% do seu orçamento de Defesa na próxima década, numa postura seguida igualmente pela Índia e pelo Japão. Por outro lado, a Ásia-Pacífico representa 41% no total mundial das importações de armamento (a maior parcela no comparativo por regiões), com seis países no Top 12 (Quadro 3) e nove países no Top 20 dos maiores importadores de armas no período 2015-2019: Índia, Austrália, China, Coreia do Sul, Paquistão, Vietname e Japão (16º), Indonésia (17º) e Singapura (19º).

Cada vez mais EUA vs China e cada vez menos Europa e Rússia

Na liderança dos maiores orçamentos de defesa do mundo estão aquelas que são, aparentemente, as superpotências declinante e emergente. Os EUA continuam destacados no topo do *ranking*, com um montante de 732 mil milhões de USD a preços correntes, em 2019, apesar de uma redução de 15% na década 2010-2019 e de um *share* no total mundial que baixou de mais de 50%, nos anos

QUADRO 1 – DESPESAS MILITARES POR REGIÃO, 1988-2019

REGIÃO/ANO	1988	1998	2008	2018	2019
África	16,3	14,4	31,5	41	41,6
Norte de África	4	6	11	22,3	23,4
África Subsariana	12,3	8,5	20,5	18,6	18,2
Américas	712	497	834	768	805
América Central e Caraíbas	4	4,2	5,1	7,9	8,5
América do Norte	675	461	785	705	741
América do Sul	33,1	32	44,5	55,2	55,3
Ásia-Pacífico	136	181	306	507	531
Ásia Central		0,3	1,2	1,8	2,1
Nordeste Asiático	82,9	112	200	354	370
Oceânia/Pacífico	14,8	16,2	22,5	29,5	30,6
Ásia do Sul	24,7	32	54	83,8	89,1
Sudeste Asiático	13,9	20,2	28,6	38	39,7
Europa	599	276	336	348	365
Europa Central	42,1	18,8	21,7	28,5	32,6
Europa Oriental	277	17	51,2	68,9	72,3
Europa Ocidental	279	240	263	251	261
Médio Oriente	80,5	83,7	133	209	225
Total Mundial	1537	1278	1641	1855	1922

Valores em Mil Milhões de Dólares dos EUA a preços constantes de 2018.

Fonte: SIPRI Military Expenditure Database

QUADRO 2 – TOP 10 DOS PAÍSES COM AS MAIORES DESPESAS MILITARES EM 2019

PAÍS	DESPESAS EM 2019 (Mil milhões USD a preços correntes)	VARIAÇÃO (%) 2010-2019	SHARE MUNDIAL(%) 2019
Estados Unidos	732.0	6.0	38.0
China	[261.0]	85.0	[14.0]
Índia	71.1	37.0	3.7
Rússia	65.1	30.0	3.4
Arábia Saudita	[61.9]	14.0	[3.2]
França	50.1	3.5	2.6
Alemanha	49.3	15.0	2.6
Reino Unido	48.7	-15.0	2.5
Japão	47.6	2.0	2.5
Coreia do Sul	43.9	36.0	2.3

Fonte: SIPRI Trends in World Military Expenditure: p. 2, Table 1.

QUADRO 3 – MAIORES IMPORTADORES DE ARMAS, 2015-2019

PAÍS	PERCENTAGEM DE ARMAS IMPORTADAS 2015-2019	ALTERAÇÃO PERCENTUAL DE 2010-14 A 2015-19
Arábia Saudita	12.0	130.0
Índia	9.2	-32.0
Egipto	5.8	212.0
Austrália	4.9	40.0
China	4.3	3.3
Argélia	4.2	71.0
Coreia do Sul	3.4	3.3
Emiratos Árabes Unidos	3.4	-18.0
Iraque	3.4	98.0
Catar	3.4	631.0
Paquistão	2.6	-39.0
Vietname	2.2	-9.3

Fonte: SIPRI Trends in International Arms Transfers: p. 6, Table 2.

1990 para 38%, em 2019. Segue-se a China que, mercê de um aumento de 85% entre 2010 e 2019, gastou uns estimados 261 mil milhões de USD, em 2019 e vem reduzindo gradual e continuamente a diferença face aos EUA ao mesmo tempo que se distancia das demais grandes potências.

Com efeito, é notório o empenho de Pequim na “revolução dos assuntos militares com características chinesas”, designadamente das capacidades de projecção de força: por exemplo, entre 1991 e 2020, a China aumentou de 70 para 520 o número de mísseis balísticos que possui, de 0 para 52 o nº de submarinos modernos, de 0 para 67 o número de fragatas e destroyers ou de 0 para 1080 o nº de caças de 4ª e 5ª gerações.¹ O reforço e a modernização das capacidades militares chinesas são também grandemente responsáveis pela crescente relevância e centralidade estratégica da Ásia-Pacífico para os EUA: por exemplo, em 1987, os EUA tinham destacados na Ásia-Pacífico 184 mil soldados e na Europa 354 mil soldados; actualmente, a situação é a inversa e os EUA têm na Ásia-Pacífico o dobro dos soldados destacados na Europa, respectivamente, 132 mil e 66 mil.²

O Top 10 dos maiores orçamentos de defesa do mundo (Quadro 2) inclui ainda França, Alemanha e Reino Unido, mas todos perdendo posições e *share* comparativamente a períodos anteriores. A redução relativa das parcelas do G3 europeu e da Rússia, conjugada com a subida dos *shares* das potências Asiáticas, fez com que a Europa tenha sido ultrapassada pela Ásia-Pacífico na 2ª posição do *ranking* por regiões, com o diferencial a aumentar continuamente. Similarmente, a diminuição relativa das parcelas dos EUA e dos seus aliados europeus leva a uma redução do *share* do conjunto NATO no total mundial de sensivelmente 75% nos

anos 1990 para os actuais cerca de 50%. Quanto à Rússia, apesar do aumento de 30% na década 2010-2019, cifra o seu orçamento de defesa nuns módicos 65,1 mil milhões de USD, posicionando-se no 4º lugar do ranking, em 2019 (chegou a estar na 5ª e 6ª posições nos anos anteriores).

Armas nucleares: poucas boas notícias, e várias más

Onde a Rússia mantém a paridade face aos EUA e uma larga vantagem sobre as outras potências é no arsenal nuclear: cada um dispõe de cerca de 6.000 ogivas em prontidão ou no seu stock militar e, somados, EUA e Rússia possuem 91% de todas as ogivas nucleares existentes no mundo. As boas notícias são as reduções significativas de URSS/Rússia e EUA nas últimas quatro décadas, levando a uma diminuição drástica do número total de armas nucleares no mundo desde o seu máximo de aproximadamente 70.300, em 1986, para cerca de 13.410, em 2020.³

Porém, há vários aspetos e desenvolvimentos negativos nesta matéria. Desde logo, o número total de armas nucleares existentes continua a ser muito elevado, sendo que mais de 3.700 ogivas nucleares se encontram em estado de imediata prontidão. Depois, comparativamente ao período de Guerra Fria, há agora mais potências militarmente nucleares: Índia e Paquistão, desde 1998 e Coreia do Norte, desde 2006 – além do caso Israel que não assume oficialmente essa posse, sendo incerto desde quando as tem. Acresce que o ritmo das reduções russa e americana nos últimos anos é mais lento do que nas décadas anteriores, ao mesmo tempo que o Reino Unido, a França e Israel estabilizaram os seus quantitativos nucleares e enquanto China, Paquistão, Índia e Coreia do Norte

continuam a aumentar os respetivos arsenais. Na realidade, todas as potências nucleares continuam a modernizar as suas capacidades e a procurar redefinir o papel das armas nucleares nas suas estratégias nacionais.

Por outro lado, temos assistido ao desmantelamento de acordos de controlo e redução de armamentos, designadamente o Tratado INF – *Intermediate-Range Nuclear Forces* / Tratado de Forças Nucleares de Alcance Intermédio EUA-Rússia, o Tratado *Open Skies* / Céus Abertos (que envolve 34 países), o *Arms Trade Treaty* (ATT) sobre Comércio de Armas Convencionais, da ONU ou o Acordo P5+1 com o Irão (assinado, em 2015, mas de onde a Administração Trump retirou os EUA, em 2018). Paralelamente, não é certo que EUA e Rússia alcancem acordo para a renovação e extensão do chamado “Novo START” (*Strategic Arms Reduction Treaty* / Tratado sobre Redução de Armas Estratégicas) de 2010, e que caduca em Fevereiro de 2021. Certo é que a China recusou liminarmente o convite de Washington para participar nas negociações sobre controlo de armas nucleares estratégicas, invocando que só fará sentido envolver-se quando o número das que a Rússia e os EUA possuem for similar ao da China.

Confiança precisa-se!

Há certamente várias razões para explicar o aumento dos orçamentos de Defesa: da maior disponibilidade de recursos financeiros em virtude do crescimento económico ao imperativo de fazer face a múltiplos desafios e ameaças “tradicionais” e “não convencionais”, necessidade de reconversão e modernização das respetivas Forças Armadas, satisfazer lóbbis da indústria de armamento e das estruturas militares, garantir privilégios ao instrumento militar que garante a perenidade de regimes autocráticos, etc.. Mas é inequívoco que o reforço das capacidades militares muito deve a lógicas de poder e de crescentes desconfianças e rivalidades entre potências, provocando uma escalada competitiva no desenvolvimento e/ou na aquisição de capacidades militares tentando balancear ou suplantando os rivais – condições estas que nos permitem caracterizar uma verdadeira corrida aos armamentos. A desconfiança e a rivalidade estimulam essa corrida, da mesma forma que a falta de confiança inibe compromissos sobre controlo e redução de armamentos. ■

Notas

¹ Japan-Ministry of Defense (2020). *Defense of Japan 2020*. Em linha (acesso em 01/09/2020), disponível no url: https://www.mod.go.jp/e/publ/w_papers/wp2020/pdf/index.html

² *Idem*.

³ FAS – Federation of American Scientists (2020). *Status of World Nuclear Forces 2020*. Em linha (acesso em 01/09/2020), url: <https://fas.org/issues/nuclear-weapons/status-world-nuclear-forces/11/>

Bibliografia geral

SIPRI (2020). *SIPRI Military Expenditure Database*.

Em linha (acesso em 3/08/2020), disponível no url: <https://www.sipri.org/databases/milex>

SIPRI (2020). *Trends in World Military Expenditure*, 2019.

SIPRI Fact Sheet, April 2020.

SIPRI (2020). *Trends in International Arms Transfers*, 2019.

SIPRI Fact Sheet, March 2020.

SIPRI (2020). *SIPRI Yearbook 2020: Armaments, Disarmament and International Security*.